

“*EL DESDICHADO*” DE VILLIERS DE L’ISLE-ADAM

Norma DOMINGOS¹

Resumo: O poema em prosa com o título nervaliano, “*El desdichado*” (1867), de Villiers de l’Isle-Adam (1839-1888), representa um esquema da versão definitiva de “*Souvenirs occultes*”, publicado em sua obra *Contes Cruels*, em 1883; de fato, cada uma das três estrofes do poema será retomada e desenvolvida na elaboração do conto poético. Apoiando-se na análise do poema “*El desdichado*” de Villiers, este trabalho tem a intenção de abordar alguns aspectos gerais da linguagem poética do autor, bem como a intertextualidade que estabelece com o poema de mesmo nome de Gérard de Nerval publicado em *Les Chimères* em 1854.

Palavras-Chave: Villiers de l’Isle-Adam. Gérard de Nerval. El Desdichado. Contes cruels. Simbolismo. Poema em prosa.

Villiers de l’Isle-Adam, um poeta maldito.

²Villiers a éprouvé les plaies dans son être durant toute sa vie, et sa revanche sur la vie est de l’avoir dit dans son œuvre avec cette plume acérée qui est le couteau du génie.³ (CITRON, 1980, p.25).

Villiers de l’Isle-Adam (1838-1889) é um dos poetas proeminentes de seu tempo e, de certa forma, precursor do movimento simbolista. Não se trata de uma influência direta na estética simbolista, visto que seus textos em versos são poucos se comparados àqueles em prosa. A herança villieriana que se observa é, notadamente, aquela que contribuiu para o idealismo filosófico do movimento e, sem dúvida alguma, àquela resultante da admiração que os jovens do movimento tinham por seu idealismo verbal.

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UNESP. Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara – SP, – Brasil. 14800-901 Bolsista FAPESP.

² As traduções dos textos para o português são nossas.

³ “Villiers sentiu as chagas em seu ser durante toda a vida, e sua revanche contra a vida é tê-lo dito em sua obra com esta pluma acerada que é a faca do gênio.”

O autor é, de fato, reconhecido, desde a época do Simbolismo, como um dos formadores do movimento e, pela crítica recente, considerado seu precursor por sua filosofia, seu estilo, sua obsessão pelo “*au-delà*”, suas críticas contra a sociedade de seu tempo e seu idealismo cristão. Sua obra venceu fronteiras que ultrapassam as influências que exerceu na França e na formação do movimento simbolista. Seria possível estender infinitamente a lista de autores e críticos que, mesmo após a dissipação do Simbolismo, lhe renderam homenagens ou em sua obra se inspiraram. Assim, para não citar senão alguns exemplos significativos, além do crédito junto aos jovens do movimento simbolista, poderíamos lembrar nomes tais como Paul Claudel, Paul Valéry, André Gide, ou, fora da França, W.B. Yeats, Stefan George e críticos como Arthur Symons e Vittorio Picca. No mais, grandes artistas de sua época foram capazes de ver além do superficial e nele reconheceram um espírito de gênio: Villiers teve o reconhecimento de Baudelaire, Gautier, Flaubert, Victor Hugo, foi amigo íntimo de Mallarmé, Richard Wagner, Verlaine, Huysmans, Remy de Gourmont e Léon Bloy.

Villiers de l’Isle-Adam, conduzido pelo sonho e pelo Ideal, em eterno conflito com a realidade do mundo que o cerca, buscará, desde sua juventude, na poesia, na imaginação e no sonho, a solução para suas angústias. Verlaine o insere entre os poetas malditos que são, para ele, “[*a*]bsolus par l’imagination, absolus dans l’expression, absolus comme les Reys Netos des meilleurs siècles” (VERLAINE, 1972, p.637). O poeta particulariza essa classificação, lembrando o não reconhecimento de glória que lhe devia seu século, o qual, entretanto, deveria reverenciá-lo. Ele não figura na primeira edição de *Poètes Maudits* em 1884, mas Verlaine consagrou-lhe um número na revista *Hommes d’Aujourd’hui* e um estudo na segunda edição de *Poètes Maudits*, publicada em 1888 (RAITI, 1986). É, sem dúvida, Mallarmé que tratará de fazer compreender a seus conterrâneos a genialidade de Villiers, sempre destacando o papel de homem excepcional e o caráter sem igual de sua obra.

Em *Contes cruels*, publicados em 1883, a associação de contos disparatados muito suscitou, e ainda instiga, a fortuna crítica villieriana. Pode-se observar um consenso ao se justificar a unidade da obra, sobretudo, no que diz respeito à temática, ou seja, em uma dupla tendência: de um lado, contos que demandam sempre reflexão ao leitor quanto às questões que Villiers julga essenciais à existência humana e, por outro, aqueles carregados de ironia e que são instrumentos de sua crítica à burguesia. Da mesma maneira, uma outra bipartição compõe a obra: a crueldade desdobra-se em *Contes cruels* e deve ser entendida como um “*cruel tableau de la bêtise contemporaine, mais aussi, et de façon*

plus subtile, cruelle esquisse d’un monde idéal dont certains ici-bas ont comme la prescience” (VOISIN-FOUGÈRE, 1996, p.12).

Assim, observamos que as características pertinentes ao texto literário poético são, até certo ponto, pouco destacadas nas análises encontradas, mesmo que as qualidades poéticas do autor sejam louvadas. Contudo, na medida em que atentamos, mais especialmente, para o modo de significar poético e para a geração interna de sentidos de cada conto, parece aí se encontrar a unidade visada por Villiers.

Com efeito, uma variedade de estilos está presente na obra⁴, visto que, entre os contos, mesclam-se: evocações do passado – “*Les brigands*” –, análises psicológicas – “*Le désir d’être un homme*”, “*L’inconnue*” –, esboços de ficção científica – “*L’affichage céleste*”, “*La machine à gloire*” –, descrições satíricas – “*Les demoiselles de Bienfilâtre*”, “*Sentimentalisme*” –, contos poéticos – “*Souvenirs occultes*”, “*Vox Populi*”, “*A s’y méprendre*”, entre outros – ; um poema em prosa – “*Fleurs de ténèbres*” – e um conto em verso – “*Conte d’amour*”.

A diversidade temática suscita, da mesma maneira, interrogações, pois a obra *Contes cruels* apresenta uma grande variedade, nela encontrando-se histórias prosaicas e satíricas, histórias de amor, contos fantásticos, textos nos quais a religião intervém, críticas à realidade positivista da época, principalmente ao mercantilismo burguês e à crença desenfreada na ciência e no progresso, entre outras.

Assombrado pela miséria da condição relativa do homem de sua época, cuja base era, sobretudo, materialista, Villiers parte em busca do Absoluto e do Eterno e é, como nos afirma Michaud (1966, p.82, grifo do autor), um poeta fora de seu tempo:

Un “moderne” comme Baudelaire? Non. Mais, seulement et essentiellement un inadapté. On ne saurait trouver, je crois, dans notre littérature du dix-neuvième siècle un homme qui fût aussi hors de son temps, qui semblât aussi fourvoyé par le destin.⁵

Em sua reação idealista, Villiers emprega uma linguagem com grande poder de sugestão e faz uso de uma poesia muito particular em seus contos. Segundo Bernard (1959), na obra *Contes cruels*, publicada em 1883, tema, estilo e estrutura são verdadeiramente poéticos em dois contos: “*Souvenirs occultes*” – cuja forma

⁴ Cf. VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.I.

⁵ “Um ‘moderno’ como Baudelaire? Não. Mas, somente e essencialmente um inadaptado. Não se poderia encontrar, acredito, na literatura do século XIX um homem que estivesse tão fora de seu tempo, que parecesse tão desviado pelo destino.”

lembra Chateaubriand – e “*Vox populi*” pela estrutura carregada de simetria e repetições.

“El desdichado”: uma intertextualidade nervaliana em *Contes cruels*.

O conto “*Souvenirs occultes*” de Villiers de l’Isle-Adam, da mesma maneira que a maior parte dos contos reunidos na obra *Contes cruels*, foi publicado, anteriormente, em diferentes revistas literárias da época, apresentando, por isso, algumas variantes. O conto tem origem no poema em prosa “*El desdichado*”⁶ publicado em *La Lune* em 18 de agosto de 1867 e posteriormente reproduzido em *La Comédie Française* de 6 de março de 1875. É somente em 16 de junho de 1878 que uma versão mais extensa do poema aparece no *Parnasse* sob o título de “*Souvenirs occultes*”. O mesmo texto será reproduzido em *Le Molière* de 9 de fevereiro de 1879, mas recebe ainda uma nova elaboração antes de ser reunido à coletânea *Contes cruels*, publicada em 1883 (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986).

“*Souvenirs occultes*” ilustra bem a osmose que se operou entre os gêneros no século XIX. Com efeito, o poema em prosa com o título nervaliano “*El desdichado*”, de Villiers, representa um esquema da versão definitiva do conto “*Souvenirs occultes*”, no qual cada uma das três estrofes do poema é retomada e desenvolvida.

“*El desdichado*”, no que se refere à forma, é um poema em prosa dividido em estrofes como aqueles de Aloysius Bertrand e, quanto ao título e à intenção, lembra claramente o primeiro poema, de mesmo nome, da coletânea “*Chimères*”⁷ de Nerval.

Les Chimères de Gérard de Nerval são uma seqüência de doze poemas que foram publicados em 1854 em *Les Filles du Feu*. São versos, freqüentemente, densos, obscuros, aos quais se misturam, entre outros, episódios vívidos, reminiscências livrescas, alusões à astrologia. São sonetos de inspiração romântica, mas com traços simbólicos: expressão lírica dos sentimentos, gosto dos extremos, associação de símbolos. São um prolongamento de *Les Filles du Feu* e apresentam o poeta assombrado pelos amores perdidos, mitos, lendas e por uma busca interminável dele mesmo, semelhante a uma busca pela misericórdia.

⁶ Ver anexo A.

⁷ Ver anexo B.

Nerval adota a forma fixa do soneto como se permanecesse fiel à estética clássica, mas mostra que o sentimento do poeta pode ser suscitado por um discurso que ignora as exigências da razão. “*El desdichado*”, primeiro soneto da coletânea, é uma das obras-primas, no qual o autor rememora, como em *Sylvie* (NERVAL, 1999), as ilusões de um passado perdido.

Segundo Brix (NERVAL, 1999, p.25), em “*Chimères*”, os sonetos de Nerval apresentam questões relativas à identidade do autor e “*le sujet se morcelle en ses avatars multiples, la poésie laisse éclater le moi dans une symphonie de voix qui disent ‘je’*”⁸. Da mesma maneira que no texto nervaliano, “*El desdichado*” de Villiers (1986, t.I, p.1337, grifo nosso) faz pensar em uma autobiografia e parece tratar-se de uma questão pessoal, visto que o autor se exprime por meio do pronome de primeira pessoa “*Je*”, eu, em português: “*Je suis issu d’une famille de Celtes, dure comme les rochers*”⁹. Ou ainda, na terceira estrofe: “*J’ai hérité, moi, des éblouissements du soldat funèbre – et de ses Terreurs*”¹⁰.

Como podemos observar, os versos que introduzem as respectivas estrofes, pela repetição do pronome de primeira pessoa, constituem também um recurso estilístico e dão ao poema em prosa uma estrutura circular: trata-se do mesmo sujeito lírico, nobre e valente, supostamente herdeiro de forças extraordinárias. Malgrado sua origem distinta – “*J’appartiens à cette race de marins, fleur illustre d’Armor, souche de bizarres guerriers*”¹¹ –, o herói é aprisionado pela melancolia: “*J’habite une ville ancienne et fortifiée où m’enchaîne la mélancolie*”¹² (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.I, p. 1337). A estrutura circular é também reiterada no título do poema: “*El desdichado*”, “*le déshérité*”, em francês, ou seja, o deserdado, aquele que foi privado desse passado rico. Mas é, sobretudo, da angústia daquele que não se adapta ao mundo em que vive que nos fala Villiers, pois, segundo Brix (NERVAL, 1999), a palavra “*desdichado*” significa em espanhol “infeliz” e foi o Ivanhoé de Walter Scott que impôs o sentido de deserdado, pobre ou desprovido de bens materiais ou de dons naturais.

Com efeito, é o sentido de infeliz que prevalecerá no texto de Villiers, estabelecendo-se assim uma relação direta com o texto nervaliano no qual,

⁸ “[...] o sujeito se fragmenta em seus múltiplos avatares, a poesia deixa eclodir o eu em uma sinfonia de vozes que dizem ‘eu’ [...]”

⁹ “Eu sou fruto de uma família de Celtas, dura como nossos rochedos”.

¹⁰ “Eu, eu herdei deslumbramentos do soldado fúnebre – e seus Terrores”.

¹¹ “Pertencço a essa raça de marinheiros, flor ilustre d’Armor, cepa de bizarros guerreiros”;

¹² “Habito uma cidade antiga e fortificada, à qual me acorrenta a melancolia”.

[se] é verdade que para numerosos leitores franceses o espanhol “*el desdichado*” é traduzido por “deserdado”, a lexicografia estrita manterá a afirmação de que o termo significa mais precisamente “desafortunado”, “infeliz”, “miserável.” (KRISTEVA, 1989, p.136, grifo do autor).

Em “*El desdichado*” de Villiers é a infelicidade e a angústia de não se adaptar ao mundo exterior que arrastam o sujeito lírico para a melancolia, o que será reiterado nos últimos versos pela evocação das riquezas vazias e do passado esquecido:

*Parmi les resplendissements de la rosée, je me promène sous les clartés de la lune, dans les noires allées, comme l'aïeul se promenait dans les tombeaux: et je sens, alors, que je porte dans mon âme les richesses stériles d'un grand nombre de rois oubliés.*¹³ (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p.1337, grifo nosso).

Villiers parece querer mostrar que a humanidade terá constantemente que se bater contra os enigmas da vida e da morte e que permanecerá angustiada se não buscar a espiritualidade. Opondo-se ao pensamento burguês, racionalista, mecanicista e materialista do século XIX, Villiers, em sua fé no espiritual, acreditava e buscava uma existência que se encontrava no além – outra dimensão que a terrestre –, presente, talvez, por oposição, como vemos em “*Souvenirs occultes*”, na verdadeira essência humana interior, ou ainda, nessas cidades mortas, quimeras simbolistas, onde via reluzir tesouros.

Assim, seu “*El desdichado*”, como observa Grünwald (2001, p.20),

[...] acopla-se à órbita do “sol negro da melancolia”, metáfora criada por Nerval, a partir da gravura de Dürer. Para Villiers, essa cortina opaca do sol negro cortava o mundo representado pela nostalgia de um passado brilhante e o mundo demarcado pela mesquinhez da vida presente. Tal como o autor do soneto, ele é o príncipe de Aquitânia, espoliado e deserdado. Ao atravessar o rio infernal, ouve “os suspiros da santa e os gritos da fada” – que apenas o artista é capaz de captar e de traduzir em palavras. Eis o único triunfo. O poeta não é exatamente a pessoa apta a tornar-se um vencedor nesse jogo truculento do Segundo Império. A luta dá-se com seus textos, a esgrima da linguagem em exercícios intermináveis.

Com efeito, autores como Villiers, influenciados pelo “Sol negro da melancolia” nervaliana, por meio da criação poética, conseguem aceder aos limites do ser da linguagem e da humanidade, e são capazes, adentrando os

caminhos da melancolia, encontrar uma sublimação ou salvação porque, como ressalta Kristeva (1989, p.157, grifo do autor):

A melancolia motiva a “crise de valores” que sacode o século XIX e que se exprime na proliferação esotérica. A herança do catolicismo encontra-se questionada, mas seus elementos relativos aos estados de crise psíquica são retomados e inseridos num sincretismo espiritualista polimorfo e polivalente. O verbo é vivido menos como encarnação e euforia do que como *busca de uma paixão* que permanece não-nomeável ou secreta e como *presença de um sentido absoluto* que parece tão omnivalente quanto inapreensível e abandonico. Uma verdadeira experiência melancólica dos recursos do homem é então vivida, por ocasião da crise religiosa e política aberta pela revolução. Walter Benjamin insistiu no substrato melancólico desse imaginário privado tanto da estabilidade clássica quanto da católica, e, contudo preocupado em se munir de um novo sentido (enquanto falamos, os artistas criam) que, entretanto, permanece essencialmente desapontado, dilacerado pela negrura ou pela ironia do Príncipe das trevas (enquanto vivemos órfãos mas criadores, criadores mas abandonados...).

Salvação, enfim, também baudelairiana, visto que para o poeta só poderia ser atingida quando este se encontrasse em exílio do mundo real:

*Le royaume du poète n'est pas de ce monde, dit Baudelaire dans le premier poème de 'Spleen et idéal', Bénédiction. Le poète est bien un roi, mais sa royauté ici-bas est purement et simplement niée. Maudit par sa mère, martyrisé par les hommes, en proie à toutes les avanies, il ne peut que s'en remettre à la justice de Dieu qui le récompensera comme il le mérite [...]*¹⁴ (LAFORGUE, 2003, p.145).

Ao renunciar à experiência do mundo exterior, o autor privilegia a experiência imaginativa e, dessa forma, os heróis de Villiers, como “[...] os heróis dos simbolistas prefeririam renunciar à vida comum a lutar para se abrirem um lugar nela; abandonam suas amantes, preferindo os sonhos.” (WILSON, 2004, p.260). Ao afastar-se do mundo real, Villiers parte em busca do Absoluto e procura encontrar uma existência verdadeira e essencial: o poeta quer, no exílio, por meio da escritura encontrar esse Ideal.

Assim, as obras de Villiers – *Axël*, *L'Ève future* e *Contes cruels* – são redutos, fortalezas, torres de marfim, onde o poeta, na recusa da vida, na sede de absoluto, encerra-se

[...] em seu mundo privado, cultivando fantasias privadas, encorajando manias privadas, preferindo, em última instância, suas quimeras mais absurdas às mais espantosas

¹³ “Entre as resplandecências do orvalho, eu passeio sob os clarões da lua, pelas negras aléias, como o antepassado passeava pelos túmulos e sinto, então, que carrego em minh'alma as riquezas estéreis de um grande número de reis esquecidos.”

¹⁴ “O reino do poeta não pertence a este mundo, diz Baudelaire em seu primeiro poema de ‘*Spleen et idéal*’ *Bénédiction*. O poeta é mesmo um rei, mas sua realeza aqui é puramente e simplesmente negada. Maldito por sua mãe, martirizado pelos homens, atormentado por todo tipo de avanias, não pode senão oferecer-se à justiça de Deus que o recompensará como ele o merece.[...]”

realidades contemporâneas, e confundindo tais quimeras com realidades. (WILSON, 2004, p.277-278).



Villiers de L'Isle-Adam's “El Desdichado”

Abstract: The nervalian titled “El desdichado” (1867), by Villiers de l'Isle-Adam (1839-1888) depicts a project of the definitive version of “Souvenirs occultes” published in his book Contes cruels of 1883. Indeed, each stanza of the poem is revisited and developed in the elaboration of the poetic short story. Based on the analysis of “El desdichado” of Villiers, the purpose of this study is to present some general aspects about Villiers de l'Isle-Adam's poetic language of the author, as well as the intertextuality with the poem of Gérard de Nerval's homonym poem in Les Chimères in 1854.

Keywords: Villiers de l'Isle-Adam. Gérard de Nerval. El desdichado. Contes cruels. Symbolism. Poem in prose.

Referências

BERNARD, S. **Le poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris: Nizet, 1959.

CITRON, P. Introduction. In: VILLIERS DE LISLE-ADAM, A. **Contes cruels**. Paris: Garnier-Flammarion, 1980. p. 13-25.

GRÜNEWALD, E. de Azeredo. Villiers, entre o sonho e o escárnio. In: VILLIERS DE LISLE-ADAM, A., conde de. **A Eva futura**. São Paulo: Edusp, 2001. p.11-40.

KRISTEVA, J. Nerval. El desdichado. In: _____. **Sol negro: depressão e melancolia**. Tradução: Carlota Gomes. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p.131-158.

LAFORGUE, P. Baudelaire et la royauté du spleen. In: MARCHAL, B.; GUYAUX, A. (Ed.). **Les fleurs du mal: actes du colloque de la Sorbonne des 10 et 11 janvier 2003**. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003. p.143-160.

MICHAUD, G. **Message poétique du symbolisme**. Paris: Nizet, 1966.

NERVAL, G. de. **Les Filles du Feu: Les Chimères et autres textes**. Introduction, notes et dossier par Michel Brix. Paris: Lib. Générale Française, 1999. (Le livre de poche).

RAITT, A. W. **Villiers de l'Isle-Adam et le mouvement Symboliste**. Paris: J. Corti, 1986.

VERLAINE, P. **Œuvres en prose complètes**. Paris: Éditions Gallimard, 1972. (Bibliothèque de la Pléiade).

VOISIN-FOUGÈRE, M.-A. **Villiers de l'Isle-Adam: contes cruels**. Paris: Éditions Gallimard, 1996. (Foliothèque, 54).

VILLIERS DE LISLE-ADAM, A., comte de. **Œuvres complètes**. Édition établie par Alan Raitt et Pierre-Georges Castex avec la collaboration de Jean-Marie Bellefroid. Paris: Éditions Gallimard, 1986. 2t. (Bibliothèque de la Pléiade).

WILSON, E. **O castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930**. Tradução de José Paulo Paes. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXOS

A – “El desdichado” de Villiers de l'Isle-Adam

I

Je suis issu d'une famille de Celtes, dure comme des rochers, j'appartiens à cette race de marins, fleur illustre d'Armor, souche de bizarres guerriers, dont le dernier membre, mon aïeul (mon vieux père n'étant qu'un agronome), combattait aux côtés du bailli de Suffren lors des expéditions d'Asie, et se distingua, spécialement dans les Indes, comme spoliateur de tombeaux.

II

L'aventurier se risquait, de nuit, au milieu des sépulcres des anciens rois de ces contrées pacifiques et, les sacoches de pierreries au fond de la barque, remontait les fleuves au clair de lune. Séduit, toutefois, par les mielleux discours du colonel Sombre, il donna dans une embuscade, et périt au milieu d'affreux supplices. Les bordes himalayennes disséminèrent ses trésors dans les cavernes, au sommet des montagnes: et les vieilles pierreries y brillent encore, pareils à des regards toujours allumés sur les races.

III

J'ai hérité, moi, des éblouissements du soldat funèbre – et de ses Terreurs. J'habite une ville ancienne et fortifiée où m'enchaîne la mélancolie. Je m'attarde, quand les soirs du solennel automne allument la cime rouillée des forêts. Parmi les resplendissements de la rosée, je me promène sous les clartés de la lune, dans les noires allées, comme l'aïeul se promenait dans les

tombeaux et je sens, alors, que je porte dans mon âme les richesses stériles d'un grand nombre de rois oubliés. (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986. t.I, p.1337).

B – “El desdichado” de Gérard de Nerval

*Je suis le ténébreux, - le veuf, - l'inconsolé,
Le prince d'Aquitaine à la tour abolie:
Ma seule étoile est morte, - et mon luth constellé
Porte le Soleil noir de la Mélancolie.*

*Dans la nuit du tombeau, toi qui m'as consolé,
Rends- moi le Pausilippe et la mer d'Italie,
La fleur qui plaisait tant à mon cœur désolé,
Et la treille où le pampre à la rose s'allie.*

*Suis-je Amour ou Phébus ?... Lusignan ou Biron?
Mon front est rouge encor du baiser de la reine;
J'ai rêvé dans la grotte où nage la sirène...*

*Et j'ai deux fois vainqueur traversé l'Archéron:
Modulant tour à tour sur la lyre d'Orphée
Les soupirs de la sainte et les cris de la fée.* (NERVAL, 1999, p.365).